

Pedagogia do desporto

A supervisão pedagógica na formação inicial

PEDRO SARMENTO*, ANA LEÇA-VEIGA**, ANTÓNIO ROSADO**,
JOSÉ RODRIGUES**, VÍTOR FERREIRA**

1. INTRODUÇÃO

“A maneira como uma tarefa é efectuada pela primeira vez pode influenciar fortemente a sua execução ulterior”.

Welford (in Knapp, 1991, p. 37)

O estudo da Pedagogia do Desporto, ao nível da aquisição de tarefas pedagógicas, relaciona-se sériamente com o estudo do desempenho do próprio formando. Por outras palavras, o estudo do comportamento pedagógico encontra-se intimamente ligado aos processos de captação e tratamento das informações que provêm do contexto existente, mas também das provenientes do seu supervisor.

A retenção conseguida transformará o indivíduo, **alterando de forma relativamente permanente o seu comportamento**, o seu desempenho. (Singer, 1980)

O tempo gasto para obter a nova estabilização comportamental depende de uma quantidade de factores que podem ser reunidos em três grandes grupos e que respectivamente tratam de: **diferenças individuais, diferenças entre tarefas e diferenças entre contextos**.

* Professor associado da UTL-Faculdade de Motricidade Humana.

** Assistente da UTL-Faculdade de Motricidade Humana.

No processo de aquisição com que o formando se vê confrontado, importa considerar não só os aspectos exteriores ao praticante (futuro professor/treinador), mas também o que este percebe e integra como seu, uma vez que tal processo depende do indivíduo mas também do tipo de supervisão (aconselhamento) efectuada, ou seja, da qualidade e quantidade da **informação de retorno** realizada. (Pieron, 1994)

Partindo desta noção - clássica da aprendizagem humana - podemos afirmar que a noção de “treino pedagógico” em regime de supervisão nos conduz aos estudos da aprendizagem de um gesto, ao seu aperfeiçoamento, bem como à sua rendibilidade competitiva.

Esta evidência obriga qualquer formador a focalizar com índice particular a qualidade das “condições de prática” pedagógica, designadamente no que respeita às “soluções didácticas” (estratégias alternativas) tendentes a ultrapassar as dificuldades da formação inicial, soluções essas que constituem o material fundamental (de influência) para a modificação competente do formando.

Numa análise mais concreta, diremos que, no âmbito da supervisão, as intervenções constituem autênticos processos de “feedback” (informação de retorno) respeitantes ao comportamento

técnico-pedagógico, amplificando o seu resultado (“conhecimento de resultados”) e favorecendo um reforço mnésico útil à prossecução da respectiva formação.

Contudo, tais intervenções no que toca à evolução da eficácia pedagógica, igualmente sistematizam a importância relativa das técnicas utilizadas, no que concerne à análise das matérias em causa (destrezas motoras, neste caso), à utilização de técnicas de observação e registo, bem como às instruções e ordens verbais verificadas. (Adams, 1971)

Então, a questão em estudo centra-se sobre o tipo de intervenção do formando/agente de ensino. Por outras palavras, “o quê” e “como” se pode alterar, de forma a tornar a intervenção mais facilitada, mais concreta, mais real, com o intuito de proporcionar uma maior competência pedagógica. (Metzler, 1990)

O actual modelo de formação que utilizámos na disciplina de Pedagogia do Desporto pretende exactamente realçar para o estudante os aspectos que o devem fazer reflectir no âmbito da sua intervenção pedagógica.

Utilizamos o usualmente designado “ensino simulado”, porque não é aplicado a alunos reais, seguindo um esquema de desenvolvimento de “ensino-reensino”.

2. PRÉ-REQUISITOS

São pré-requisitos da supervisão pedagógica em educação física e desporto os conhecimentos de base que permitem caracterizar os estudantes do ponto de vista do seu desenvolvimento bio-psico-sociológico e os conhecimentos que, especificamente, relacionam esse desenvolvimento com os processos de desenvolvimento da motricidade, como é o caso dos que envolvem o conhecimento dos processos de aprendizagem motora, quer no âmbito da caracterização e análise de tarefas, quer no processo de aquisição de habilidades desportivas.

Considera-se ainda como pré-requisito o conhecimento e caracterização dos conteúdos desportivos, nomeadamente dos sistemas técnico-táticos fundamentais e dos regulamentos, bem como as formas de organização do seu ensino (progressões pedagógicas e estratégias específicas de condução do processo de desenvolvimento do praticante).

3. UM MODELO DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

O modelo de supervisão aqui apresentado desenvolve-se no âmbito da disciplina de Pedagogia do Desporto (Ciências do Desporto), na qual procuramos influenciar o desenvolvimento das competências pedagógicas, relativamente ao **saber**, **saber fazer** e **saber estar**, características da intervenção profissional em Educação Física e Desporto.

Pretendemos desenvolver tais competências através de uma organização da disciplina caracterizada por dois espaços nitidamente distintos mas complementares nas suas características de formação:

- um espaço teórico que corresponde à leccionação "de informação" respeitante às técnicas de intervenção pedagógica no ensino dos desportos, bem como à análise teórica de temáticas de âmbito

educativo situadas nos sistemas educativo e desportivo, nomeadamente no que toca à relação entre os diversos intervenientes. um espaço prático (teórico-prático), composto por quatro momentos de formação: um primeiro que contempla a concepção e discussão de um plano de sessão, a leccionação e respectiva sessão de supervisão; um segundo que corresponde à elaboração de um relatório de auto-análise com a apresentação de um projecto de modificação de comportamentos, com base na sessão de supervisão, e um terceiro que compreende a consequente realização da concepção e discussão de um segundo plano de sessão, a leccionação e respectiva sessão de supervisão; um quarto momento é dedicado à elaboração do relatório final.

Cada um desses momentos tem por finalidade perseguir objectivos e competências distintas, uma vez que assumem formas de organização e controlos particulares, que podem ir da organização de situações de micro-ensino ou simplificadas até à organização global da sessão. (Metzler,1990; Bruenelle e al.,1991; Pieron,1994)

3.1. Plano de sessão

a) Objectivos e competências

O plano de sessão deve ser entendido como um exercício de antecipação da sessão e simultaneamente como um guião desta. Do ponto de vista da formação é uma tarefa fundamental porque possibilita um planeamento cuidadoso e minucioso da sessão a leccionar.(Siedentop,1983)

Esta tarefa proporciona uma definição clara de algumas decisões pré-interactivas fundamentais no âmbito da formação.

A definição dos objectivos operacionais da sessão, bem como a adequada selecção dos conteúdos e si-

tuções de aprendizagem, é um dos objectivos que pretendemos alcançar com este exercício.

O estudante-professor (E-P) deve procurar prever todas as fases/momentos da sessão, especificando os comportamentos de alunos e do professor, tornando claro as técnicas e estratégias de intervenção pedagógica a aplicar e os efeitos previsíveis. (Sarmiento e al.,1993)

É, portanto, uma tarefa de concepção em que se apela ao conhecimento dos objectivos. Como guião deve contemplar a gestão da sessão, ou seja, prever a duração dos episódios da sessão, bem como das rotinas de transição, tendo assim uma linha de tempo relativa à sequência dos acontecimentos.

No sentido de implementar o conceito de guião de sessão, o plano deve ser elaborado com simbologia e terminologia adequada, tornando acessível a sua interpretação durante a mesma.

Todo este esforço de antecipação e previsão, desenvolve a competência de planeamento e adaptação, necessária aos futuros docentes, bem como influencia as decisões pré-interactivas, de selecção de conteúdos e situações de aprendizagem.

b) Organização da tarefa

Assim, os E-P elaboram um projecto de plano de sessão, em ficha normalizada e de acordo com um regulamento de preenchimento. (ficha)

Definem os objectivos da sessão e seleccionam os conteúdos e as tarefas.

Apresentam em sequência temporal, os episódios e as rotinas da sessão.

Devem igualmente discriminar, sempre que necessário (para uma boa leitura das situações propostas), o comportamento dos alunos (formações, deslocamentos, etc.) e do professor (estratégias pedagógicas).

Este projecto é sujeito a avaliação formativa, implicando uma discussão com o E-P, de modo a esclarecer os pontos menos adequados ou incorrec-

tos, no âmbito da selecção dos conteúdos e tarefas e das estratégias pedagógicas.

O E-P tomará em consideração as resoluções da discussão efectuada podendo modificar o seu projecto inicial.

c) Controlo da tarefa

Como foi referido anteriormente, a avaliação do plano de sessão, como documento formal, é meramente formativa, pretendendo alcançar os objectivos já referidos.

Poderá parecer que esta decisão implicaria um abandono do empenhamento nesta tarefa, mas tal não se verifica porque a consciência da importância do plano de sessão, faz com que o E-P se envolva de tal modo que o feedback do professor mais experiente é um instrumento fundamental para a sua eficácia.

No entanto existem mecanismos de controlo do plano, tais como a observação da sessão, a supervisão e o relatório, os quais, implicando uma avaliação somativa, permitem uma apreciação da eficácia do plano de sessão, registando a concordância entre a observação da sessão e do respectivo plano como um dos elementos de avaliação.

Na supervisão, a discussão dos aspectos críticos da sessão, realça igualmente as insuficiências do plano, sendo por vezes necessário discuti-lo novamente.

No relatório, a comparação entre as expectativas e a realidade realiza-se também com a análise do plano de sessão e da observação sistemática da mesma.

3.2. Sessões Práticas

a) Objectivos e competências

As sessões práticas têm por objectivo principal consubstanciar a organização de um modelo de ensino-reensino, que permite aos alunos um contacto com situações simplificadas de prática pedagógica, sob supervisão, permitindo a utilização de diversas técnicas

de formação, nomeadamente a autoscopia e a supervisão por especialistas. (Randal, 1992)

O acento sobre a técnica de autoscopia permite ao estudante experimentar e avaliar o seu desempenho na condução da sessão e na utilização de algumas destrezas básicas de ensino, permitindo-lhe, após avaliação diagnóstica (1ª sessão), organizar um processo de modificação de comportamentos (definição de objectivos de alteração comportamental para a 2ª sessão e das estratégias a adoptar) que procura cumprir em 2ª sessão.

Assim, para além de permitir a experimentação e o treino de destrezas de ensino de carácter interactivo (abordadas nas aulas teóricas), o modelo permite ainda o treino e a aplicação de técnicas de planificação da lição consubstanciadas na necessidade de elaboração detalhada dos planos de sessão (definição de pré-requisitos, definição de objectivos operacionais, organização dos conteúdos e das actividades, previsão da gestão da carga física, dos tempos e dos materiais e da dinâmica relacional).

O facto de os planos de sessão serem previamente objecto de análise conjunta com o professor, determina a existência de mecanismos de feedback que garantem a sua adequação formal e de conteúdo. (Metzler, 1990)

As sessões práticas permitem a aplicação da informação teórica, a integração dos mais diversos conhecimentos, a concretização dos planos de sessão e dos projectos de formação individuais e manter o contacto com o ensino e a aprendizagem das modalidades desportivas já que os estudantes que se colocam na posição de alunos mantêm a possibilidade de continuar a praticar os gestos técnico-tácticos dessas modalidades.

Outros benefícios parecem resultar do facto de ser possível o contacto com diversas outras modalidades não abordadas em anos anteriores, permitindo uma sensibilização para o ensino dessas matérias e o contacto com um maior número de actividades.

Todos os estudantes contactam com as progressões pedagógicas apresentadas para o ensino dessas tarefas enriquecendo-se o seu reportório de técnicas, exercícios e estratégias de ensino. A observação das sessões dos colegas, ainda que informal, permite-lhes reflectir sobre o valor das estratégias adoptadas, dos exercícios propostos, das soluções encontradas.

Essa função crítica é estimulada pelo facto de as sessões teóricas abordarem as técnicas de intervenção, pelo acto de poderem comparar essas sessões com as suas e pela reflexão crítica realizada no final das sessões entre estudantes e professor. A última parte da sessão (1/2 hora) é de discussão e reflexão final das soluções encontradas e das alternativas possíveis.

A necessária articulação das diferentes sessões de uma mesma actividade ao longo de uma mesma sessão ou de diversas sessões exigindo a reunião dos estudantes no sentido de articularem as suas sessões numa lógica comum permite estudar e concretizar elementos de planeamento de unidades temáticas com base nas respectivas lógicas curriculares específicas.

A discussão do valor desta articulação é feita com os estudantes no início do ensino dessa especialidade e um feedback final é trazido para a última sessão.

b) Organização da tarefa

Cada aluno é incumbido de planear e leccionar duas sessões sobre a especialidade que preferir tendo por limitações os espaços e os materiais disponíveis.

As sessões têm uma duração de 30 minutos sendo cada sessão prática (de 2 horas) constituída pela leccionação de 3 estudantes (1h e 30 min.) em média e por 1/2 de hora de análise de temas relacionados com essas sessões. Os restantes estudantes assumem o papel de alunos nessas sessões. Após todos os estudantes terem leccionado uma sessão (ensino), um novo ciclo começa (reensino). Entre um momento

e outro foi elaborado um projecto de modificação de comportamentos.

As sessões são filmadas em vídeo e áudio para posterior análise pelo estudante.

Simultaneamente à filmagem o docente, utilizando uma técnica mista de rating scale e incidentes anotados retira informações a utilizar na parte final da sessão e, posteriormente, em sessão de supervisão. Essa informação é traduzida posteriormente numa percentagem da avaliação somativa.

3.3. Supervisão Pedagógica

a) Objectivos

A supervisão da prática pedagógica ocorre após a leccionação ora da 1ª sessão (ensino), ora da 2ª (reensino) por parte do estudante (estudante-professor).

Sabendo que para a leccionação destas o estudante realizou previamente o respectivo "Plano da Sessão" que foi discutido com o supervisor e que as sessões são registadas em vídeo para além de serem assistidas pelo supervisor, os objectivos que se prendem com a supervisão da prática pedagógica do aluno dizem directamente respeito a todo um conjunto de aspectos que nos parecem fundamentais e que podemos sintetizar na questão: como fazer a supervisão pedagógica?

Nesta, o supervisor discute com o estudante os aspectos críticos da sessão, então ministrada por este, os quais poderão situar-se em um ou vários dos seguintes domínios (Sarmiento e al., 1993; Pieron, 1994):

- instrução e regulação/organização das actividades;
- linguagem utilizada;
- mobilização dos alunos para as actividades e objectivos;
- controlo e segurança da actividade;
- feedback;
- questionamento;
- utilização dos estudantes como agentes de ensino;

- interacção professor-aluno;
- sequência da sessão;
- concordância com o plano e/ou adaptabilidade;

Ao supervisor não lhe interessa, nesta fase, debater com o E-P como é que um hipotético "professor-modelo" actuaria nas situações acima focadas, mas sim, como é que o (aquele) E-P e os alunos em causa reagem uns aos outros, discutindo, nomeadamente as decisões tomadas pelo primeiro durante a prática pedagógica (resolução de problemas).

Deste modo, o supervisor, utilizando o registo em vídeo e/ou os dados da observação directa que efectuou durante a sessão (habitualmente recorrem-se a duas técnicas de registo "rating scale" e "incidentes críticos" anotados) tenta levar o E-P a consciencializar e a atribuir significado aos comportamentos/decisões que ao primeiro pareceram mais significativos e determinantes para o grau de eficiência e de sucesso da sessão.

Em síntese, podemos dizer que o grande objectivo da supervisão da prática pedagógica consiste em preparar o E-P para ensinar. No fundo, trata-se da operacionalização do saber que o mesmo é dizer da passagem do domínio cognitivo. (Hanke, 1993)

b) Organização da tarefa "SUPERVISÃO"

Do que atrás ficou exposto fica subjacente que todo o processo de supervisão se baseia nas técnicas de observação e aconselhamento.

Os dados da observação recolhidos durante a sessão prática (registos em vídeo do comportamento do E-P e dos alunos) são transportados para uma sessão individualizada com o E-P ou de pequeno grupo (2 ou 3 E-Ps), o que possibilita uma relação mais próxima permitindo a "discussão" (aconselhamento e troca de opiniões) de comportamentos ou atitudes (ideossincrasias) relacionadas com a personalidade individual.

É através de diversas técnicas de observação que o supervisor obtém todo um conjunto de dados, quantitativos e qualitativos, sobre uma sessão concreta, i.e., sobre o processo de ensino desenvolvido, por forma a poder analisá-lo, realçando obviamente os aspectos mais críticos dessa sessão. Daí que recorra a diferentes estratégias por forma a poder dar opiniões, encorajar, condicionar, estabelecer regras de actuação, ou seja, orientar o E-P no processo de modificação comportamental.

c) Controlo da tarefa

Aconselhar pedagogicamente pressupõe uma avaliação da qualidade da prática pedagógica, sobretudo em termos formativos, permitindo obviamente um controlo claro do Plano de sessão (e de todos os aspectos que lhe estão subjacentes, como sejam, a estruturação de conteúdos, a adaptabilidade/ajustamento do mesmo, as estratégias escolhidas, etc.) pondo a nú quer as insuficiências deste quer a facilidade/dificuldade de implementação do mesmo por parte do E-P.

3.4. Relatório da Sessão

a) Objectivos e competências

O relatório tem duas finalidades: permite obter uma informação global e detalhada do comportamento do estudante-professor e dos seus alunos nas várias dimensões do ensino e permite ainda fornecer dados para futuras tomadas de decisão e alteração dos comportamentos respectivos. (Siedentop, 1983)

A obtenção dos dados para a elaboração do relatório requer o conhecimento dos vários sistemas de observação e da aplicação das várias técnicas de registo que vão permitir analisar as diversas competências pedagógicas do E-P.

O relatório é, portanto, um instrumento de análise e de síntese que requer o conhecimento de estudos que se têm

debruçado sobre o assunto e ainda a capacidade de os articular e discutir com os dados obtidos através da observação.

Com a elaboração do relatório aprofunda-se uma competência pedagógica fundamental: a capacidade de análise objectiva do ensino das actividades físicas, desenvolvendo-se em paralelo as técnicas de observação e de reflexão sobre esse mesmo ensino.

O facto de se utilizarem diversos sistemas de observação permite um olhar multifacetado para o seu próprio ensino e uma reflexão mais rica sobre a natureza da sua intervenção pedagógica.

A necessidade de se compararem os seus valores com os de outros estudos e com as apreciações do professor permite complementar e enriquecer a análise que faz das suas primeiras experiências de ensino permitindo ainda a recolha de elementos que possam facilitar o processo de modificação de comportamentos. (Pieron, 1986)

O projecto de modificação de comportamentos resulta de uma reflexão que tem em conta todos os elementos anteriores, concretizando-se pela indicação, a partir do diagnóstico do ensino, dos principais problemas detectados e das estratégias de resolução dessas dificuldades que o estudante-professor irá adoptar em momentos de formação seguintes.

Tal estratégia permite encontrar um momento de auto-formação, de organização de trajectos pessoais de formação que consideramos fundamentais na formação de futuros agentes de ensino.

b) Organização da tarefa(s)

Naturalmente que há comparação de resultados.

Os estudantes-professores elaboram dois relatórios. O relatório da primeira sessão deverá conter:

- a) Os resultados da observação da sessão de ensino.

A apreciação desses resultados deverá reportar-se não só aos aspectos quantificáveis decorrentes da utilização dos sistemas

específicos de observação pedagógica, mas também englobar uma apreciação da sessão prática em relação a outras técnicas e princípios.

- b) O projecto de modificação de comportamentos que deverá conter a indicação precisa das metas que o estudante-professor se propõe alcançar em termos de princípios e técnicas de intervenção pedagógica na segunda sessão de ensino.

O relatório da segunda sessão deverá conter os resultados da observação da sessão de ensino:

- a) comparação e análise dos dados obtidos nas duas sessões e balanço dos mesmos tomando como referência as expectativas formuladas no projecto de modificação de comportamento e, ainda, a matéria estudada de modo a conter uma apreciação da própria formação.

c) Controlo da tarefa

A apreciação do relatório visa avaliar a qualidade do mesmo não só em termos somativos como também formativos.

Sabemos como todos os professores são arredios à elaboração escrita das suas ideias ou às descrições factuais. Pensamos ser importante, em termos somativos pois procura-se avaliá-lo quer pela sua estrutura quer pelo seu conteúdo considerando para isso: a identificação, índice, paginação, introdução, qualidade e rigor na apresentação e discussão dos resultados e qualidade do projecto de modificação de comportamento e do balanço final, considerando ainda o grau de profundidade da pesquisa bibliográfica, da integração destas na análise e discussão e ainda a correcção dessas referências.

Em termos formativos visa, sobretudo, informar o estudante-professor dessa mesma avaliação que será pro-

cessada detalhadamente e em termos qualitativos.

CONCLUSÃO

O modelo de supervisão que aqui apresentamos e que tem sido posto em prática na disciplina de Pedagogia do Desporto pretende assim dar resposta aos aspectos da prática de ensino do desporto. Julgamos que o regime de supervisão, de aconselhamento pedagógico, aliado a uma experimentação constante por parte do formando no campo da intervenção pedagógico-didáctica é a melhor estratégia para consciencializar o mesmo das dificuldades reais do ensino e das suas próprias necessidades no sentido de "ser melhor" professor, ou seja, que os seus alunos aprendam mais e mais depressa e que sintam realização pessoal na actividade que praticam.

Com este modelo de "treino de professores", porque é disso fundamentalmente que se trata, pretendemos que o mesmo se sinta confrontado várias vezes com o seu próprio comportamento, que o avalie e que de uma forma sistemática possa saber melhorá-lo.

Problematizar o comportamento pedagógico face às pessoas com quem nos relacionamos, interagimos e hipoteticamente queremos "melhorar" é, em nossa opinião, a forma mais consequente de possibilitar uma evolução individual para além do tempo normal de frequência institucional.

Naturalmente que este, como outros modelos de formação, tem as suas virtudes e os seus defeitos, as suas lacunas.

Provavelmente no futuro haverá possibilidades de realizarmos "treino de professores" em regime de "micro-ensino" (quando existirem meios materiais e humanos que garantam a sua implementação), ou mesmo em contexto real, com alunos reais (quando estiverem resolvidos os aspectos institucionais de natureza logística e de segurança social da prática desenvolvida), ou ainda uma prática acompanha-

da desde o início da formação (quando o enquadramento interdisciplinar possa ser garantido).

Deste modo, continuamos convictos que, na situação actual da nossa Licenciatura em Educação Física e Desporto/ Ciências do Desporto este modelo tem respondido aos objectivos que nos impusemos no âmbito da intervenção pedagógica em desporto, independente das preocupações constantes de o melhorar, de o tornar mais rigoroso e eficaz.

Mas convém igualmente falar das lacunas, do que gostaríamos de desenvolver mais e melhor. Neste ponto, gostaríamos de realçar fundamentalmente toda a área da intervenção pedagógica para além do ensino propriamente dito, ou seja, todos os aspectos de interacção pessoal que formam (e deformam) o comportamento humano em contexto desportivo, seja ele desenvolvido no meio

escolar, seja ele desenvolvido no seio de uma colectividade social de âmbito recreativo, cultural ou puramente desportivo (esta última alusão é necessariamente para os que consideram que o desporto foge das outras duas).

Porque só assim, cremos, a Pedagogia do Desporto se torna uma área de formação humana plena de sentido e verdadeiramente integradora dos conhecimentos científicos e técnicos em contexto de prática física e desportiva.

BIBLIOGRAFIA

- Adams, J.A. (1971) - "A closed-loop theory of motor learning", *Journal of Motor Behavior*, nº3, p.111-149.
- Brunelle, and al. (1991) - "La supervision pedagogique", *Education Physique et Sport*, nº227, Jan-Fev, p. 58-64
- Hanke, U. (1993) - "Beyond Dichotomy, an integrative Model of Teacher Education", Hogrefe and Huber Publishers, Bern

- Knapp, B. (1971) - "Sport et Motricité" - *L'acquisition de l'habilité morale*", Vigot Frères ed., Paris.
- Metzler, M. (1990) - "Instructional Supervision for Physical Education", Human Kinetics Publishers, Champaign, IL
- Pieron, M. (1986) - "Enseignement des Activités Physiques. Observation et Recherche", Université de Liège, Liège
- Pieron, M. (1992) - "Le Conseil pedagogique", *Pedagogie des Activités Physique et Sportives*, Université de Liège, ISEP et K., Liège, Belgique
- Randal, L. (1992) - "Systematic Supervision for Physical Education", Human Kinetics Publishers, Champaign, IL
- Sarmiento, P. e al. (1993) - "Pedagogia do Desporto. Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto", FMH, Serviço de Edições, Lisboa
- Singer, R. (1980) - "Motor Learning and Human Performance, an application to motor skills and movement behaviors", 3th. ed., New York, MacMillan Pub..
- Siedentop, D. (1983) - "Developing Teaching Skills in Physycal Education", Mayfield Co.ed..

LUDENS

CIÊNCIAS DO DESPORTO

pedagogia
do
desporto



Director:

António de Paula Brito

Sub-Director:

Gustavo Pires

Editor:

Paulo Medina

Conselho de Redacção:

Jorge Teixeira de Sousa
 Fernando Almada
 Pedro Sarmento
 Jorge Proença
 César Peixoto
 Jorge Castelo
 José Gomes Pereira

Coordenação e Administração:

Departamento de Ciências do Desporto
 Faculdade de Motricidade Humana

Edição:

Faculdade de Motricidade Humana
 Serviço de Edições
 Cruz Quebrada
 1499 Lisboa Codex
 PORTUGAL

Telef.: 419 67 77
 Telefax: 415 12 48

Execução Gráfica:

Gráfica 2000
 Cruz Quebrada

Capa:

Luís Rodrigues

Depósito Legal n.º 3277/83

ISSN 0870-0176

Periodicidade: Trimestral**Assinatura anual, Vol. 15:**

Portugal Esc. 2400\$00
 Estrangeiro U.S. \$40.00

Preço deste número: 600\$00

LUDENS

CIÊNCIAS DO DESPORTO

VOL. 14 • N.º 4 • OUT.-DEZ. 1994

sumário

Editorial, por <i>António de Paula Brito</i>	3
Pedagogia do desporto. A supervisão pedagógica na formação inicial, por <i>Pedro Sarmento, Ana Leça-Veiga, António Rosado, José Rodrigues e Vítor Ferreira</i>	5
Contributo para a caracterização e organização das sessões de Educação Física e Desporto, por <i>Vítor Ferreira</i>	11
Factores condicionantes e limitativos da organização das sessões de Educação Física e Desporto, por <i>José Rodrigues</i>	19
O entusiasmo em Educação Física e Desporto por <i>António Rosado</i>	23
Aprendizagem da natação. Perspectivas pedagógicas, por <i>Pedro Sarmento</i>	31
Sistema de análise do rendimento dos atletas em voleibol (SARAV), por <i>Rodrigo Ramalho e José Rodrigues</i>	37
Análise do comportamento do treinador de rãguebi em competição, no início (cabine) e no intervalo (campo), por <i>José Dias, Pedro Sarmento e José Rodrigues</i>	43
Os episódios de informação do treinador e a reacção dos atletas numa situação de competição em voleibol, por <i>Raul Pina e José Rodrigues</i>	47
Instrumentos de observação e apreciação pedagógica em sessões de Educação Física e Desporto, por <i>Mário Marques e José Rodrigues</i>	51

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os trabalhos originais publicados na LUDENS podem, em princípio, ser transcritos ou traduzidos noutras publicações desde que se indique a sua origem e autoria. É no entanto, necessário um pedido de autorização para cada caso.